

Lucas 15:11-32

REDEFININDO A ESPERANÇA

“Foi para uma região distante”

A saudade de casa

É importante ler a parábola contada por Jesus sobre os filhos perdidos no contexto de todo o capítulo 15 do evangelho de Lucas, mas a história se situa em um contexto ainda mais amplo. Se lermos a narrativa sob a luz do tema recorrente na Bíblia do exílio e da volta para a casa, poderemos compreender que Jesus nos deu mais que um relato tocante de uma redenção individual. Ele reconta a história de toda a raça humana, e promete nada menos do que esperança para todos que nele crerem.

Na parábola de Jesus, o filho mais novo parte para uma região distante esperando uma vida melhor, mas acaba frustrado. Ele começa a sentir saudades de casa, lembrando-se de toda a comida da casa do pai. O mesmo acontece com todos nós.

A palavra “casa” exerce uma grande influência sobre a vida humana. Os cidadãos norte-americanos nascidos em outros países gastam bilhões de dólares por ano para visitar as comunidades em que nasceram.

As crianças que nunca encontram um lugar onde sentem que a ele pertencem acabam carregando uma incapacidade para criar laços durante toda a vida.

Muitos de nós têm memória de épocas, pessoas e lugares onde nos sentíamos verdadeiramente em casa.

A casa, portanto, é um conceito poderoso, ainda que de difícil explicação.

Os fortes sentimentos que a cercam revelam uma profunda saudade dentro de nós por um lugar perfeito que nos abriga, onde podemos ser, ou talvez encontrar, o verdadeiro eu interior. Apesar disso, parece que nenhum lugar real ou nenhuma família jamais conseguirá satisfazer esses anseios, ainda que algumas situações cheguem bem perto.

A memória do lar também parece ser evocada de forma poderosa por meio de certas paisagens, sons e até mesmo cheiros. Mas essas evocações apenas excitam um desejo que não pode ser realizado. Muitas das pessoas contam como o Natal lhes são decepcionantes. Elas se preparam para o feriado com a esperança de que, finalmente, neste ano, a reunião da família naquele lugar especial irá devolver a experiência do aconchego, da alegria, do conforto e do amor que tanto esperam.

Mas a expectativa quase sempre acaba frustrada, esmagada pelo peso de nossas esperanças impossíveis.

Há uma palavra em alemão que sintetiza este conceito — a palavra *Sehnsucht*, ela não tem um sinônimo simples no português. Ela denota uma profunda saudade de casa, mas com um significado que não se manifesta claramente.

Os livros ou as músicas nas quais achamos que está a beleza nos irão trair se confiarmos neles; a beleza não está lá e o que vem por meio desses objetos é a saudade. Essas coisas — a beleza, a memória de nosso passado — são boas imagens do que realmente desejamos; mas, se forem confundidas com o objeto em si, acabarão

por se tornar apenas ídolos vazios, partindo o coração de quem os adora, pois eles não são o objeto em si.

Assim, parece haver um aspecto no qual somos todos também como o filho mais novo. Somos todos exilados, sempre com saudades de casa. Estamos sempre viajando, jamais chegando. As casas e as famílias de que realmente fazemos parte são apenas estalagens distribuídas pelo caminho, mas não são nossas casas.

A casa continua a nos fugir.

Mas por que o conceito de “casa” é tão poderoso, ainda que dure tão pouco para nós? A resposta pode ser encontrada conforme examinamos os temas mais dominantes da Bíblia. A experiência que estamos descrevendo é o traço em nossa alma dessa história maior. No começo do livro do Gênesis, descobrimos o motivo por que todos nós nos sentimos como exilados, como se não estivéssemos em casa. É-nos dito que fomos criados para viver no jardim de Deus. Aquele é o mundo para o qual fomos criados, um lugar em que não há morte ou ausência de amor, não há decadência nem qualquer doença. E tal mundo era tudo isso porque era vida ante a face de Deus, ante sua presença. Lá, devíamos apenas adorar e servir sua infinita majestade, conhecendo, desfrutando e refletindo sua infinita beleza. Era nossa casa original, o verdadeiro país a que pertencíamos. No entanto, a Bíblia ensina que, como na parábola de Jesus, Deus era o “pai” daquela casa e nós nos irritávamos com sua autoridade.

Queríamos viver sem a interferência de Deus, e por isso partimos, ficando alienados em relação a ele, e perdemos nosso lar pela mesma razão que o filho mais novo perdeu o seu. O resultado foi o exílio.

A Bíblia diz que temos vagado como exilados espirituais desde então. Isto é, temos vivido em um mundo que não mais responde a nossos profundos anseios. Apesar de desejarmos corpos que “correm e não se cansam”, acabamos sujeitos a doenças, ao envelhecimento e à morte. Apesar de necessitarmos de amor duradouro, todos os nossos relacionamentos estão sujeitos à mercê do tempo, e eles se despedaçam em nossas mãos. Mesmo as pessoas que se mantêm fiéis a nós morrem e nos deixam, ou nós mesmos morremos e as deixamos. Apesar de desejarmos fazer a diferença no mundo por meio de nossas boas ações, experimentamos a frustração interminável. Nunca realizamos plenamente nossos sonhos e nossas esperanças.

Podemos até trabalhar duro para recriar a casa que perdemos, mas, diz a Bíblia, ela só existe na presença do pai celestial, de quem fugimos.

Este tema é repetido muitas vezes na Bíblia.

Depois do exílio de Adão e Eva da casa original, o filho deles, Caim, foi condenado a perambular incessantemente pela terra por ter assassinado seu irmão, Abel.

Depois, Jacó enganou seu pai e seu irmão e passou anos no exílio.

Depois disso, o filho de Jacó*, José, e a família dele foram expulsos de sua terra para o Egito por conta de uma grande fome. Lá, os israelitas foram feitos escravos até que, sob Moisés, retornaram para o lar ancestral. Séculos depois disso, Davi, antes de se tornar Rei, viveu como um fugitivo perseguido. Por fim, toda a nação de Israel foi novamente exilada, feita prisioneira da Babilônia pelo Rei Nabucodonosor.

Não é mera coincidência o fato de história após história conter esse padrão do exílio.

A mensagem da Bíblia é que a raça humana consiste de um bando de exilados tentando voltar para casa. A parábola do filho pródigo é sobre cada um de nós.

A dificuldade do retorno

“Casa”, disse um escritor, “é onde, quando você tem que ir, eles têm de aceitar você.” O filho mais novo, no entanto, sabe que um retorno bem-sucedido não é inevitável. Por quê? Seus pecados criaram uma barreira, e ele não tem ideia de como esse muro pode ser superado. Ele sabe que pode acabar rejeitado e forçado a permanecer no exílio. De modo semelhante, a Bíblia mostra como são altas as barreiras da nossa própria volta para casa como raça humana.

Durante o exílio na Babilônia, os profetas de Israel predisseram um grande retorno para casa por meio da graça de Deus. Finalmente, o povo de Israel teve permissão para deixar a Babilônia e retornar à terra natal. Apenas uma minoria dos judeus de fato retornou para a Palestina, e lá continuaram sob o domínio da Pérsia.

Depois, potência após potência invadiu e controlou Israel: primeiro a Grécia, depois a Síria, e, por fim, Roma.

O povo continuava oprimido. Todos os “miniêxodos” e as “minivoltas” da Bíblia falharam em atingir a volta final e completa prometida pelos profetas, pela qual todos ansiavam. Por quê?

Um dos motivos era o estado de perdição contido nos seres humanos.

Israel, em particular, e a raça humana, de modo geral, continuavam atolados em egoísmo, em orgulho e em pecado. Somos oprimidos por conflitos dentro dos nossos próprios corações do mesmo modo que pelas constantes batalhas e pelas guerras com as nações vizinhas. Precisamos de uma mudança radical em nossa própria natureza. O segundo motivo é a perdição ao redor dos seres humanos. Há mais coisas contidas no estado de “exílio” do que apenas o mal moral dos seres humanos. De acordo com a Bíblia, vivemos em um mundo natural que agora está “caído”. Não fomos criados para um mundo de doenças e desastres naturais, um mundo em que tudo fica decadente e morre, incluindo nós mesmos. Este mundo, como agora o experimentamos, não é a casa de que temos saudades. Uma volta verdadeira e final ao lar significa uma mudança radical não apenas na natureza humana, mas no próprio tecido do mundo material. Como isso pode ser alcançado?

Nos tempos do ministério de Jesus, muitas pessoas em Israel haviam se dado conta de que, apesar do regresso da Babilônia, a nação continuava exilada. (Habacuque)

A injustiça e a opressão, as perdas e as aflições ainda dominavam a vida da nação.

A volta para casa final não havia acontecido.

Muitos, portanto, começaram a orar para Deus por essa volta, mas a imaginavam como uma liberação nacional e política para Israel. (Jesus militar)

Pensava-se que o Messias, o rei que redimiria Israel, seria uma figura de grande força militar e de enorme poderio político. Ele viria para seu povo, seria por eles reconhecido e os conduziria para a vitória. Então apareceu Jesus, e declarou que estava trazendo consigo “o Reino de Deus” (Marcos 1:15). O povo se reuniu avidamente ao seu redor para observá-lo e para ouvi-lo, mas nada naquele homem atendia às expectativas.

Ele não havia nascido por detrás das cortinas reais, mas em uma manjedoura, no meio do feno, longe de casa. Durante seu ministério, ele caminhou, sem jamais assentar, e disse: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (Mateus 8:20).

Ele permaneceu completamente alheio à rede dos poderes políticos e econômicos. Sequer buscou obter credenciamento acadêmico ou religioso. Por fim, no final de sua vida, foi crucificado além dos muros da cidade, um símbolo poderoso de rejeição por parte da comunidade, um símbolo de exílio.

Ao morrer, ele disse: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?” (Mateus 27:46), um tremendo grito de abandono espiritual e de falta de abrigo.

O que aconteceu? Jesus não veio apenas para libertar uma nação da opressão política, mas para salvar a nós todos do pecado, do mal e da própria morte.

Ele veio para levar a raça humana para “casa”. Assim, não veio em fortaleza, mas em fraqueza. Veio e experimentou o exílio que nós merecíamos.

Foi expulso da presença do Pai, foi lançado na escuridão, no mais inexprimível desespero de alienação espiritual — no nosso lugar.

Ele tomou para si todas as consequências da rebeldia humana, do sentimento de não pertencer a lugar algum do cosmo, para que pudéssemos ser recebidos em nossa verdadeira casa.

O banquete no fim da história

Jesus não apenas morreu como também levantou da sepultura no terceiro dia.

Ele derrotou o poder da morte (Hebreus 2:14).

“Mas Deus o ressuscitou dos mortos, rompendo os laços da morte, porque era impossível que a morte o retivesse” (Atos 2:24).

Por ter pagado o preço por nossos pecados com sua morte, Jesus alcançou a vitória sobre o poder da morte, da decadência e da desordem que impedem o mundo de ser nossa verdadeira casa. Algum dia ele irá retornar para tornar essa vitória completa. Isaías escreveu:

“Seu Deus virá (...) virá para salvá-los. Então se abrirão os olhos dos cegos e se destaparão os ouvidos dos surdos. Então os coxos saltarão como o cervo, e a língua do mudo cantará de alegria. Os que o Senhor resgatou voltarão. Entrarão em Sião com cantos de alegria; duradoura alegria coroará sua cabeça. Júbilo e alegria se apoderarão deles, e a tristeza e o suspiro fugirão.” (Isaías 35)

No fim da história dos filhos pródigos, há um banquete de boas-vindas. Assim, também, no fim do livro do Apocalipse, no fim da história, há um banquete, o “banquete do casamento do Cordeiro” (Apocalipse 19). O Cordeiro é Jesus, que se sacrificou pelos pecados do mundo, para que pudéssemos ser perdoados e devolvidos para casa.

O banquete acontece depois de a Nova Jerusalém, a Cidade Santa, descer do céu para preencher a terra (Apocalipse 21-22). É-nos dito que mesmo a presença de Deus pode ser sentida nesta cidade, onde fica, em lugar notável, a árvore da vida, cujas folhas promovem “a cura das nações” (Apocalipse 22:2). A árvore da vida, é claro, fica no jardim do Éden. No fim da história, toda a terra torna a ser o Jardim de Deus.

A morte, a decadência e o sofrimento são abolidos.

As nações não mais entram em guerra. “Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou” (Apocalipse 21:4).

Jesus, ao contrário dos fundadores de outras grandes religiões, promete esperança para a vida humana.

Nosso futuro não será uma forma eterna e impessoal de consciência.

Não iremos flutuar no ar; em vez disso, iremos comer, abraçar, rir, cantar e dançar no reino de Deus, com tanta força, glória e alegria que hoje nem podemos conceber.

Jesus tornará o mundo nossa casa perfeita novamente.

Não mais estaremos morando “a leste do Éden”, sempre vagando e nunca chegando.

Chegaremos, e o pai irá nos encontrar e nos abraçar, e seremos convidados para o banquete.